

Unidos eles vencem

Prof. William Grava
25/04/2005

Os pesquisadores do IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada anteciparam, através da imprensa ¹, os resultados de um estudo denominado “Espaços preferenciais e aglomerados industriais”, em que identificam a presença de quinze aglomerados industriais espalhados pelo país. Na verdade, nem tão espalhados assim: seis em na Região Sudeste, incluindo São Paulo como o principal deles e do país, cinco na Região Sul e quatro na Região Nordeste. Nada na região Centro-Oeste ou Norte.

Comentando o seu próprio resultado os pesquisadores, liderados pelo economista João Alberto De Negri demonstram alguma surpresa com o pequeno número de pólos e a intensidade da concentração regional da indústria. Argumentam que a existência de aglomerados é um fenômeno mundial, mas que é mais intenso aqui, caracterizando a desigualdade do país.

Visto assim, podemos imaginar a existência de pólos de concentração industrial como algo nocivo: se queremos o desenvolvimento econômico, o progresso do país, precisamos “espalhar” o desenvolvimento, fazer com que as indústrias se instalem por todo o país e não apenas nos pólos de desenvolvimento.

Um termo que se popularizou no final da década de noventa, embora o fenômeno já fosse estudado antes, o aglomerado (ou *cluster*) representa mais do que a concentração de empresas em uma determinada região. Para caracterizar um aglomerado, precisamos ter empresas em atividades correlatas, sejam elas competidoras entre si ou com uma relação que o economista chama de vertical, onde uma é fornecedora da outra. Para dar um exemplo forte e nacional, São José dos Campos é um aglomerado aeroespacial. Começou com o Sonho do Mal. Montenegro e a fundação de uma escola de aeronáutica nacional, passou pela fundação da Embraer e dos institutos de pesquisa do CTA (e também fora dele, no caso do INPE) e, principalmente, pelo grande número de empresas que se instalou em volta, seja prestando serviços à Embraer, seja desempenhando atividades que aparentemente nada têm a ver com as daquela empresa mas que se beneficiam, e muito, dos recursos humanos e físicos ali reunidos. Isso amplia nosso conceito de aglomerado. Mais do que empresas, precisamos de instituições com atividades correlatas, sejam elas empresas, órgãos de ensino e pesquisa, mercados de trabalho e de produto especializados.

Quando se forma um aglomerado como este o resultado é um círculo virtuoso. As empresas estando ali, por ali ficam os engenheiros formados no ITA e muitos outros que se dirigem para lá. Com mão de obra especializada, as empresas têm mais facilidade para desenvolver produtos e processo de alto nível. Com empresas maiores querendo concentrar-se em suas atividades e processos centrais, são inúmeras as chances de que outras, menores, muitas vezes com microestruturas, possam ocupar espaços.

Se a oferta por produtos e serviços especializados é grande, os clientes se tornam mais exigentes, solicitam mais das empresas. Se é bom estar ali, porque ali está o mercado e também os recursos, é difícil ali ficar, porque a competição é maior e só os mais competentes sobrevivem. É esse aglomerado, e não só o trabalho isolado da Embraer, que permitiu ao Brasil estar na linha de frente em termos de indústria aeronáutica civil.

Vamos comparar isso com a Zona Franca de Manaus? O próprio estudo do IPEA não caracteriza aquela região como um aglomerado, dizendo que não há aglomerado

¹ O Estado de São Paulo, 24/04/2005.

na Região Norte. O argumento que eles utilizam é o de que a Zona Franca não gera desenvolvimento fora de Manaus. Talvez isso pareça um pouco engajado, então vamos utilizar um argumento mais específico: a Zona Franca, através de incentivos fiscais, atraiu empresas cuja única razão de estar ali é a economia de imposto. Ninguém vai para aquela região por estar próximo do mercado ou porque ali encontre recursos únicos, sejam eles físicos ou humanos.

Pensar em termos de aglomerado é interessante e moderno. Traz várias conseqüências, seja para as empresas formularem suas estratégias ou para o Governo formular suas políticas, e é fundamental para a competitividade em um mundo globalizado.

Em primeiro lugar, porque a formação do aglomerado é um caminho inevitável. Nenhuma empresa pode manter-se competitiva sem que à sua volta possa contar com uma série de recursos que seus principais competidores no mundo conta. Como diz Porter ²: "Paradoxalmente, as vantagens competitivas duradouras em uma economia global se baseiam cada vez mais em coisas locais – conhecimento, relacionamentos e motivação que competidores distantes não podem igualar."

Segundo, porque é a forma de se fazer política industrial a favor do mercado e não contra ele. Mesmo uma política que chega ao extremo da concessão de benefícios fiscais para a atração de determinadas empresas, por exemplo, precisa levar em consideração as relações que serão criadas ou, de maneira bem simples, os motivos que servirão, no futuro, para que as instituições que componham os aglomerados ali permaneçam mesmo depois que o benefício se esgote. É a ausência dessas relações que faz com que a Zona Franca continue eternamente dependente do subsídio.

Estar a indústria concentrada nos aglomerados não é ruim. Ter **poucos** aglomerados é, e o remédio não é homogeneizar o desenvolvimento mas semear outros aglomerados. Aqui está a oportunidade e aqui está a armadilha, pois o trabalho de quem faz política é o de identificar os aglomerados potenciais, latentes, para em seguida incentivar seu desenvolvimento. O Nordeste, por exemplo, na proximidades de algumas universidades federais (como é o caso da Universidade da Paraíba), tem o potencial de desenvolver-se no *software*, como algumas empresas do sul já descobriram. O baixo custo de vida local, aliado a oportunidades de trabalho mais escassas, torna mais disponíveis os profissionais qualificados que temporariamente, e apenas temporariamente, podem custar menos.

Incentivar a instalação local de empresas de software é uma política de muito mais chance de sucesso do que a Zona Franca. A aglomeração dessas empresas provavelmente dissiparia com o tempo o custo mais baixo da mão de obra especializada, mas isso seria compensado por uma maior de empresas e da mão de obra, substituindo o baixo custo pelo desenvolvimento superior, como a Índia fez.

² Aglomerados e a nova Economia da Competição. Harvard Business Review, Nov-Dez. 1998: 77-90.